

DISFEMISMOS E PALÁCIO DO PLANALTO: UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA

Gilsileide Cristina Barros Lima (UESB)

gilbarroslima@gmail.com

Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)

jorge.silva@uesb.edu.br

Vera Pacheco (UESB)

vera.pacheco@uesb.edu.br

Eufemismos e disfemismos constituem recursos discursivos. Os primeiros substituem uma ideia ou sentimentos ruins por meio das consideradas boas palavras. Os disfemismos, ao contrário, põem deliberadamente à vista uma expressão grosseira. Auxiliar dos discursos nos meios sociais, a linguagem politicamente correta deixa de ser o foco em grupos determinados e cede lugar a um linguajar rude. Essa prática poderia passar despercebida não fosse a intensidade da ocorrência entre aqueles em que deveria ocorrer um zelo diplomático para com a linguagem. Neste artigo, analisamos as principais palavras tidas como tabus linguísticos, proferidas na reunião ministerial do dia 22 de abril de 2020, no Palácio do Planalto, e verificamos a avaliação do ministro Celso de Mello sobre o emprego desses termos. Categorizamos as palavras, considerando a classificação de Guérios (1956) e Kröll (1984), bem como dicionários antigos (BLUTEAU, 1728; SILVA, 1789) e atuais (HOUAISS; VILLAR, 2009; FERREIRA, 2009), para verificar os fatores sociais, históricos e culturais que circundam tais expressões. Observamos que, no caso da reunião ministerial em questão, servir-se de disfemismos, em vez de formas mais polidas, não é uma questão de mostrar a realidade “nua e crua”, mas pode representar o desejo de manter a opinião (contra ou a favor) que o público construiu sobre determinada pessoa, instituição ou personalidade.

Palavras-chave:

Disfemismos. Sócio-História.

Reunião ministerial de 22 de abril de 2020.